

Texto curatorial da exposição Afetos em Paisagem, por Loly Demerciam

“O tempo tem memória?

As percepções do cotidiano passam com tanta velocidade que se dispersam em nosso olhar; passam sobre as coisas, e tudo se torna autômato. Qual paisagem teria nossa memória num mundo onde o tempo social é acelerado? Qual é a perspectiva das coisas que tem o nosso olhar? O que percebemos e o que nos está afetando?

Bergson, quando fala em perceber as coisas, diz que mesmo quando o objeto não mais existe naquele lugar, não é o vazio ou o nada e sim a ausência de tal objeto, o qual esteve aqui antes mas se acha agora em outro lugar. Ele deixa atrás de si o próprio vazio. O que ficaria nessa memória, senão o afeto? O tempo é uma ilusão, sua memória são nossas lembranças que se desdobram de modo involuntário. Nós somos a memória, vivemos da memória. O afeto, faz dessa exposição um deslocamento de paisagens que estabelece como núcleo da narrativa; a materialização por meio das vivências e das histórias singulares das artistas. A própria existência como processo e a metáfora como forma de conexão com o mundo(...)

A artista Maria Fernanda Lopes, com o trabalho “Risco, 2020”, brinca com essa paisagem imaginária, porque ela parte para uma desterritorialização do desenho, das linhas, dos planos e se expande para os conceitos da escultura, projetando uma certa animação no espaço, pois o nosso olhar em ângulos diferentes, as linhas e os planos se transformam em outros desenhos espaciais, redimensionando o lugar, articulando os fios estendidos em novas composições. Temos um quadrado preto de papel colado na parede, dando a impressão de que estamos vendo um desenho em uma superfície, mas, na verdade, esse mesmo desenho está no espaço.

Uma desconstrução do desenho como o entendemos. A composição das linhas contrasta com a parede, elas se projetam como sombras, uma estrutura paralela à parede. Tais estruturas habitam um vazio. Ela brinca com o tempo e a memória, porque as linhas constroem modulações espaciais diferentes ao trajeto do observador. Uma arquitetura que não fixa domicílio, porque a toda hora está mudando, permanecendo na memória de quem a percebeu.”

São Paulo, Outubro de 2020.